

VI Encontro para a Nova Consciência

Campina Grande - Paraíba

Santo Daime - Comunidades Urbanas

José Murilo C. Carvalho Jr.

I. Introdução

Comecei a pensar em escrever algo sobre a minha experiência comunitária, no momento em que fui convidado para expor algum material sobre a Doutrina do Santo Daime no Encontro para a Nova Consciência. Obtive informações sobre a importância do Encontro como fórum de discussões que congrega diversas linhas de pensamento num esforço ecumênico de formular a perspectiva para o novo milênio que se aproxima. Em vista disso, fui tocado em minha antiga necessidade de comunicar algo sobre esta experiência que temos aqui no Céu do Planalto, comunidade que abriga os trabalhos espirituais da linha do Santo Daime em Brasília.

Sou psicólogo e penso que minha experiência e o enfoque psicológico de minha narração poderão ser valiosos para alguns que já se acercam do caminho de estudo dos estados alterados de consciência, assim como todos que se interessam por propostas de vida comunitária, e ainda aqueles que são simpáticos às causas de preservação ambiental. Pesquisa na percepção e consciência humanas, auscultação da dimensão espiritual interna de cada um, vida comunitária e consciência ecológica (em seu sentido prático) são os aspectos fundamentais do projeto comunitário Céu do Planalto.

Mas tudo isso integrado e funcionando dentro de um ambiente específico, um espaço criado sob as linhas gerais da Doutrina do Santo Daime, assim como ela é difundida pelo CEFLURIS ou Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra, instituição criada por Sebastião Mota de Melo para administrar a difusão da linha ecológico-comunitária desta Doutrina fundada pelo Mestre Raimundo Irineu Serra. Tais títulos nomeiam as fontes de tudo o que será relatado, e sua menção constitui um respeito e uma invocação de aprovação e bênção aos responsáveis pela possibilidade deste trabalho ser apresentado hoje aqui.

II. A Doutrina

Tudo começa com um personagem quase inverossímil, um jovem maranhense negro, de medidas avantajadas, que aos 18 anos resolve embarcar na trilha dos soldados da borracha, embrenhando-se na direção oeste pela floresta amazônica. Era o início do século e o jovem Irineu trabalhou na seringa até tornar-se soldado de fronteira, quando então passou a ter acesso às terras estrangeiras adjacentes à Amazônia brasileira.

No Peru e na Bolívia, através de amigos, tomou conhecimento da bebida conhecida na região como ayahuasca. Ouviu tratar-se de instrumento de pesquisa no mundo das energias espirituais, caminho dos xamãs,

podendo ter efeitos curadores mas também sendo propiciador de torturas físicas e psíquicas - sua tradução: vinho da alma. De fato, Irineu se interessou pela bebida e buscou contato com ela.

O contato deu-se em revelação, e Irineu recebeu como incumbência direta fundar uma linha de trabalho espiritual, a qual estaria centrada na consagração daquela bebida de uso imemorial dentro do contexto da cultura e simbolismo cristãos e se utilizando dos conhecimentos espiritualistas ameríndios, brasileiros, africanos e orientais. Tal sincretismo abrangente teve como berço a cidade brasileira de Rio Branco, Acre, onde Irineu Serra finalmente se instalou e deu início à sua saga como líder espiritual.

No decorrer do século, a partir de meados da década de 30, Irineu foi reconhecido como Mestre pelo seu trabalho de assistência, amparo e condução a todos aqueles que se interessavam pela sua linha de trabalho espiritual. Naturalmente passou a trabalhar com a cura espiritual, acercando-se principalmente dos casos onde a medicina dava-se por vencida e o sofrimento não encontrava alívio em parte alguma. Irineu era a “árvore sombra” para muitos, inclusive para gente importante - políticos e fazendeiros - que o buscavam na hora da dor extrema.

Neste período passou a canalizar da dimensão espiritual mensagens que lhe chegavam em forma de cantigas simples, hinos, os quais passaram a compor os hinários (coleções de hinos), fio condutor da doutrina. Em torno de Irineu Serra formou-se a egrégora do Santo Daime, e para os que conhecem a força deste trabalho não é difícil imaginar o calibre espiritual exigido para a execução desta tarefa hercúlea.

Em 1971, quando de sua passagem para a dimensão espiritual, Mestre Irineu já era o Chefe Império, o monarca de uma linhagem que estava pronta para se espalhar na tarefa de “doutrinar o mundo inteiro”, como diz um de seus hinos. E tudo isso lembrando de um dos mandamentos primeiros recebidos ainda na revelação da doutrina ao Mestre: não se pode convidar.

E não se convida, mas se fala. E foi esse ímpeto de falar da doutrina e viver verdadeiramente os ensinamentos nela contidos que, após a ausência de Mestre Irineu, movimentou um de seus discípulos diretos, Sebastião Mota de Melo. Seu carisma e seu respaldo na dimensão espiritual e na doutrina o levaram a conduzir um grupo para a concretização de um projeto comunitário fundamentado nos ensinamentos simples que os hinos transmitiam.

Tratava-se de restabelecer a convivência cristã, imbuída agora de uma noção moderna que nos sugere voltar à natureza e nos relembra de valores simples, quase

esquecidos. Comunidade na floresta, consciência ecológica posta em prática, Amazônia - pulmão do mundo, Brasil. O “Padrinho” Sebastião, como passou a ser conhecido por seus muitos “afilhados”, abre o trilheiro na mata e após algumas investidas iniciais, funda a Vila Céu do Mapiá, estado do Amazonas.

Distante dois dias de caminho a canoa pelas trilhas dos igarapés, o Céu do Mapiá passou a ser visitado por simpatizantes nacionais e estrangeiros e hoje constitui-se um lugar de peregrinação de uma vanguarda espiritual. Com cerca de 700 moradores e uma grande população flutuante de visitantes, vive hoje o desafio de aparelhar-se para cumprir seu papel de matriz internacional de um trabalho espiritual reconhecido amplamente como sendo de altíssima qualidade.

Mas os visitantes do Mapiá quando retornam para suas cidades trazem em sua bagagem a semente de uma proposta de transformação. As ferramentas para a concretização da proposta traduzem-se em um sacramento, hinos para serem comungados por uma corrente de mentalização espiritual, e o espaço e infra-estrutura necessários para a realização do encontro. A fórmula está pronta e basta apenas que se unam as capacidades - isto é, a comunidade, agora, urbana.

Esta é a realidade de uma doutrina viva, que acontece dentro de cada um e revela seus resultados na prática do dia-a-dia. Isto está acontecendo hoje em várias cidades do mundo, e está acontecendo em Brasília, na comunidade Céu do Planalto. Minha intenção é salientar algumas das observações interessantes que pudemos realizar, e compartilhar da visão das pessoas deste encontro que, certamente, estão sensíveis a este tipo de comunicação.

III - A Construção de Um Céu

Sempre sonhei algum dia por em prova tudo aquilo que vi ser brilhantemente exposto em termos teóricos. De alguma forma a doutrina do Santo Daime me proporciona esta vivência. Através desta linha de trabalho, e sob a condução de Fernando de La Rocque Couto, antropólogo conhecido de vocês por ter exposto seus estudos sobre xamanismo aqui neste mesmo fórum no ano passado, um grupo de pessoas resolveu concretizar uma experiência comunitária. Daí surgiu a comunidade Céu do Planalto, que reúne hoje em torno de 40 moradores e por volta de 90 frequentadores, entre colaboradores, simpatizantes e visitantes.

O nome Céu se origina da denominação da localidade matriz da doutrina, às margens do igarapé Mapiá, rio Purus, estado do Amazonas - o Céu do Mapiá. O Padrinho Sebastião tinha a proposta de concretizar o céu na terra, e dentro do mesmo (nada modesto) intuito, nos reunimos para formar o Céu do Planalto. Para alguns de nós então, há 5 anos atrás, já era claro que as revoluções internas individuais ocorridas dentro dos trabalhos espirituais com o Daime necessitavam de um espaço de convivência especial, para que pudessem se externalizar e concretizarem uma convivência grupal transformada. No entanto, não havia uma idéia clara de como se daria tal empreitada.

Tínhamos consciência de que a visão preconcebida de comunidade embutia inúmeros clichês que precisariam

ser desmistificados. Dentro do grupo inicial, algumas pessoas já haviam experimentado outros trabalhos de auto-desenvolvimento, trazendo consigo tanto a valiosa experiência da caminhada realizada como o conhecimento das dificuldades inerentes a esta trajetória, principalmente quando falamos em termos de projetos conjuntos. Tratava-se de colocar em prática os quatro pilares referenciais da doutrina: Harmonia, Amor, Verdade e Justiça; e a partir daí construir o espaço ideal para o encontro de cada um consigo mesmo. Buscar verdadeiramente a realização desta forma elevada de amor que é o reconhecimento do nosso Eu Superior interno, e viver a certeza da possibilidade desse mesmo processo (contagante) acontecer em todos os irmãos.

A idéia principal, portanto, era que nos reuníssemos. Com o rateio das economias de oito famílias foi adquirido um terreno de chácara em local próximo da cidade e com vista privilegiada, mas bastante protegido por um acesso não pavimentado e um tanto quanto difícil. Ali fizemos inicialmente a Igreja, no ponto mais alto do terreno, e em seguida passamos a realizar os trabalhos espirituais, que são tradicionalmente longos (5 a 12hs dependendo da modalidade). A proximidade e a beleza do local foi atrativo suficiente para que algumas pessoas se aventurassem a dar o passo definitivo de fixar moradia, construindo suas casas de forma harmonizada com a paisagem do vale. Estava fundada a comunidade ou, ao menos, um condomínio paroquial do Santo Daime.

A atividade econômica do espaço, que normalmente reúne as forças dos membros de uma comunidade e a define como tal, inicialmente apresentou-se como uma questão a ser discutida. Quase todos os integrantes do grupo de moradores já tinham colocações profissionais satisfatórias, que, inclusive, ajudavam a manter as despesas decorrentes da manutenção do centro. Uma idéia central que acompanha todas as atividades do centro espiritualista comandado por Fernando La Rocque é de que todos os membros (sem nenhuma exceção) devem contribuir com as mensalidades e obrigações financeiras, e que ninguém deve extrair seu sustento básico diretamente do trabalho com a doutrina. Pois então quem já estava colocado no mercado assim continuou, e os mais jovens ou sem colocação passaram a buscar formas de integrar a vivência comunitária e o rendimento econômico.

Inicialmente alguns membros, contaminados pelos clichês citados acima, imaginaram “viver da terra”, almejando um retorno bucólico à vida simples. Para nós logo ficou claro que esta proposta era artificial e não levava em consideração a formação e a bagagem que cada um já trazia em termos de especialização profissional e vivência. Qualquer iniciativa agrícola viável necessitaria desse mesmo profissionalismo já alocado e desenvolvido em outras áreas. E na verdade, qualquer desvio em direção de uma comunidade agrícola ou qualquer outra atividade econômica competitiva dispersaria a energia do nosso foco principal: a experiência espiritual. E então se percebeu que a vocação do grupo enquanto tal estava indissolivelmente ligada à infra-estrutura do trabalho com o Daime - e ficou claro que isso incluía e integrava de forma perfeita a convivência diária com colegas de trabalho na cidade, com familiares e amigos, enfim, com Brasília.

De fato, esta foi a pedra de toque dentro de cada um no sentido de perceber qual o tipo de trabalho a ser desenvolvido. Nossa matriz no coração da floresta, o Céu do Mapiá, através do Santo Daime irradia para todo o mundo esta nova luz do retorno à espiritualidade que está próxima da natureza. Nós que estivemos lá naquele jardim da Terra e pudemos atestar a força dessa mensagem, a trouxemos então para a cidade - coisa que muitos acreditaram não ser possível. Tratou-se de perceber a forma como fazer e então, a comunidade urbana Céu do Planalto, centro do Santo Daime no Planalto Central, foi adquirindo uma identidade própria. Pela vivência conjunta e através dos trabalhos o grupo se faz canal e aparelho ideal para a difusão desta mensagem na cidade de Brasília.

A reaproximação com a natureza e com os valores básicos da sobrevivência no contato direto com a terra, aspecto sempre realçado na experiência proporcionada pelo Daime, achou sua manifestação comunitária no cultivo dos jardins de “rainha” e de “jagube” - plantas utilizadas na confecção da bebida sacramental, e no paisagismo das áreas de convívio. Por outro lado, esta mesma percepção condensada em termos de ação urbana como consciência ecológica originou no grupo a formação de uma ONG com fins de proteção ambiental local, com atuação a nível institucional e educativo no âmbito do público visitante às nascentes e cachoeiras da área da comunidade.

Enfocar estritamente no trabalho de proporcionar a experiência espiritual do Santo Daime já requer uma infraestrutura bastante complexa e especializada, e este é o ofício conjunto realizado pelos membros da comunidade Céu do Planalto. Desde a recepção de visitantes, que envolve palestras introdutórias e entrevistas de avaliação e anamnese, até os trabalhos propriamente ditos, com um número de participantes que gira em torno de 120 pessoas e envolvendo uma equipe de músicos, cantoras, fiscais, tesouraria e recepção, e passando pelo trabalho com manutenção e manuseio dos estoques de Daime, tudo é realizado em sistema de rodízio pelos membros da comunidade.

Além dos trabalhos, o grupo morador sabe que a experiência proporcionada pelo Santo Daime acarreta uma movimentação a nível de padrões internos de percepção que fará com que os visitantes que se sintam mais identificados com o grupo busquem uma convivência mais próxima. É como se surgisse a pergunta: “*depois de tudo isso, e agora, como é que se faz?*” Portanto é comum as casas dos moradores da comunidade e as áreas de convívio serem bastante frequentadas pelos visitantes e simpatizantes, facilitando o processo de irradiação de uma nova forma de relação e criando um tipo específico de identidade grupal. Cada membro morador tem, hoje, consciência do seu papel de lastro material para que seja alçado o vôo espiritual dentro dos trabalhos.

E afinal, o que é esta transformação? Imaginar que as pessoas tomem uma bebida e por si passem a morar juntas e terem uma vida renovada parece um tanto absurdo. No mínimo algo está faltando para que esse processo possa ser melhor entendido. Nos propomos então a explicar uma das chaves do mistério - o meio de comunicação espiritual que tem uma configuração bastante específica dentro da doutrina do Santo Daime: os hinos inspirados pela dimensão

espiritual - ou “recebidos”. A partir de Mestre Irineu em sua revelação inicial, cada membro “fardado” é considerado receptáculo da doutrina que é irradiada na forma de hinos para serem comungados nos momentos de consciência especial proporcionados pela corrente firmada e pelo Daime consagrado dentro dos trabalhos espirituais.

*Os hinos são as correntes
Tu bem vistes em mim
Que sai da tua boca
E transmite em ti*

IV - Os Hinos são as Correntes

Sempre que abordo em pensamento a doutrina do Santo Daime sinto uma emoção especial por estar percebendo algo vivo, que se constrói e se configura a cada dia. Na verdade estamos falando de um movimento cultural profundamente ligado nas urgências atuais deste fim de século, e com especificidades tão significativas que merecem destaque. Neste ponto me refiro aos hinos do Santo Daime, ou “*Daime Songs*”, como já são conhecidos, inclusive na Internet. Instrumento de revelação pessoal e grupal constante, cumpre o papel de difusão da mensagem doutrinária e abre o espaço da busca da coesão na convivência - através da harmonização do canto, da música e do ritmo na execução dos hinos nos trabalhos espirituais.

Tudo começa, assim como tudo que diz respeito ao Daime, na figura de Raimundo Irineu Serra. Sem nenhum conhecimento ou aptidão musical, este seringueiro teve a incumbência de introduzir a ferramenta da comunhão no canto dentro do contexto do estado especial de consciência obtido com a bebida. De fato o canto de ícaros e chamadas cantadas nas sessões com ayahuasca não se constitui novidade, mas a democratização da performance para todos os participantes é marca registrada do movimento iniciado em Rio Branco.

Mestre Irineu, em seus primeiros dias de contato com a bebida, escutava sussurros cantarolados, e a ordem era compartilhar estas mensagens com quem o acompanhava e preparar as canções para serem entoadas solene e vibrantemente quando dos trabalhos com a consagração da bebida. E então, na força do Daime, as mensagens que poderiam a princípio parecer frases ingênuas foram ganhando a força de uma palavra doutrinária vigorosa, e a vibração das idéias e símbolos contidos no hino perpassando as consciências em uníssono revelou o poder de gerar uma egrégora.

No decorrer dos trabalhos, os acompanhantes de Mestre Irineu passaram a acessar este mesmo canal de revelação e a formar suas próprias coleções de hinos. Dessa forma, na medida em que são cantados nos trabalhos os hinos recebidos pelos seus membros, o grupo se alimenta permanentemente com as instruções para as quais cada um se faz canal. A revelação se democratiza, e então a identificação dos membros participantes com a egrégora passa a ser direta pois passa por uma revelação pessoal. Os hinos configuram-se como um fantástico meio de fomentar a coesão do grupo e reafirmar os valores da doutrina.

Podemos elaborar muitos conceitos para tentar explicar o processo de inspiração que dá origem aos hinos:

pode-se falar de psico-musico-grafia, ou mensagens poético-musicais recebidas da dimensão espiritual, ou mesmo de inspiração espiritual pessoal pura e simples. Mas somente quem já passou pela experiência de “receber um hino” pode dar um testemunho mais aproximado. Cada pessoa que entra em contato com a doutrina e a percebe como um apoio em seu processo de auto-conhecimento imediatamente sente uma atração especial pela mensagem dos hinos, e pode passar a escutar seus próprios sussurros.

A experiência de “receber hinos”, segundo alguns, se aproxima um pouco do *insight* como conhecido dentro da psicoterapia. Em geral condensa uma espécie de visão ou abordagem sobre um determinado tema, invariavelmente invocando as forças positivas através dos símbolos específicos da linha do Daime. Pode conter mensagens transformadoras para o receptor ou para o grupo. Em síntese, a mensagem recebida através do hino pode significar correções de rumo, saudações, invocações, ensinamentos ou simplesmente festa, sempre exaltando o valor da união - representada de forma concreta e continuada no esforço da comunhão das vozes.

A partir do hinário do Padrinho Sebastião, e com o surgimento das comunidades baseadas em sua perspectiva da doutrina, uma nova prática se fez presente com relação à canalização de hinos, os quais começaram esporadicamente a ser recebidos e dedicados a algum membro do grupo. Passou a ser comum estarmos cantando o hino dentro dos trabalhos e ver registrado o nome da pessoa a quem aquele hino foi dedicado, e perceber então a relação e a mensagem de uma forma mais direta. Este mecanismo tem o efeito de explicitar ainda mais a relação aberta e profunda entre os membros do grupo. É comum pessoas serem conhecidas pelos seus hinos, recebidos ou dedicados.

Nas viagens de membros a outras igrejas ou por ocasião de encontros nacionais e internacionais da doutrina, ocorre então o intercâmbio de hinários. Escutam-se então os “últimos hinos” de um e de outro membro mais ou menos famoso. Há os que são famosos pela beleza de seus hinos, e outros que colecionam dezenas de hinos ofertados por outras pessoas. Dentro da cultura do Daime os hinos formam uma meta-linguagem que desempenha inúmeras funções na liturgia, no aspecto social de integração grupal, e na concretização da identidade específica da doutrina.

Então, nas comunidades como um todo são muito conhecidos os “ensaios”, momentos onde são aprimorados os hinários dos mestres da doutrina a serem cantados nas datas tradicionais, e onde também são conhecidas as mensagens que cada um recebe e traz para compartilhar com o grupo. Existe um consenso que a mensagem só se transforma em hino da doutrina quando cantada pelo grupo em consagração, e portanto, é uma batalha pessoal de cada receptor fazer da sua mensagem um hino comungado nas vozes de seus companheiros. Há os que primam pela performance, no canto ou no instrumento, outros que vencem pela insistência em mostrar suas mensagens, e outros ainda que precisam ser instigados a mostrarem suas mensagens pessoais. De toda forma, um hinário pessoal é como uma bandeira a ser desfraldada, e este aspecto da doutrina do Daime realmente merece uma atenção especial.

Nesse processo, vários aspectos do ego individual e das relações interpessoais são trabalhados utilizando a mobilização do estado especial proporcionado pelo Daime. Ao receptor do hino, cantá-lo frente ao grupo no estado elevado de um trabalho com a bebida abrange vários significados: (1) a afirmação pessoal de dar algo de si para o grupo, algo originário daquele mesmo contexto e que o reforça; (2) a aceitação amorosa ao receptor por parte dos membros no ato de acompanhar o canto; (3) a difusão de questões pessoais para sua imediata relativização enquanto mensagem para o grupo, algo com efeito catártico para o sujeito receptor; e algumas outras dimensões mais amplas características da própria doutrina.

Podemos desenvolver um pouco mais os três aspectos citados acima: (1) o momento de mostrar um novo hino recebido para a comunidade implica um desvelar-se, mostrar aos outros as “flores do seu jardim”; ensinamentos que vem através do Daime se manifestar no formato da doutrina, expressos em hinos e retratando momentos pessoais sintetizados em símbolos (geralmente pertencentes ao panteão daimístico) os quais projetam as questões pessoais pulverizando-as em soluções positivas para o grupo. No momento em que os participantes se esforçam por alinhar suas vozes à melodia e perceber a mensagem contida no hino (2) para então poder cantá-lo com firmeza, estão recebendo de forma afetiva o “presente” dedicado, sem perder a noção de que, em algum momento, estarão nessa mesma situação de mostrar um hino ao grupo, e que estarão esperando a força dos companheiros para a tarefa de “firmar” o hino. Nesse processo (3) a mensagem do hino, que tinha um foco localizado no ponto de vista do receptor, adquire novos contornos na medida em que perpassa outras consciências. O “dono” do hino recebe então um *feedback* sobre a sua contribuição, e muito da energia da situação que originou o hino é transmutada.

Falando em termos genéricos e explorando as conhecidas funções terapêuticas da música e do canto, sabemos que um trecho melódico contempla várias dimensões: ritmo, cadência, melodia e dinâmicas específicas, além da própria mensagem textual. A busca de entrosamento pelos integrantes de uma performance musical envolve um aspecto de precisão que permeia essas várias dimensões. Este processo, acontecendo no contexto do estado especial proporcionado pelo Daime, auxilia a integração e a relativização das experiências envolvendo conteúdos pessoais internos com o fluxo da corrente. Além disso, o hino pode ser lido, ouvido e sentido, colocando os sentidos no papel de âncora no aqui e agora, e enfatizando aspectos do real. Os aspectos de realidade e estrutura colocam a música como valoroso meio terapêutico e referencial coletivo dentro de um trabalho espiritual do Santo Daime.

A questão do ritmo também se sobressai na medida em que vários participantes no ritual fazem uso dos “maracás”, que são chocalhos metálicos de som marcante os quais determinam a cadência das marchas, valsas e mazurcas - ritmos tradicionais dos hinos do Daime. Os inúmeros maracás têm de chegar a um consenso sobre o andamento do hino, podendo variar segundo o “pique” próprio do hino ou o momento do trabalho, mas o referencial de cadência invariavelmente vem dos

comandantes do trabalho e das “puxadoras” (as cantoras responsáveis pela precisão do hino). É comum em alguns momentos do trabalho perceber-se uma certa desarmonia, um desencontro de vozes, maracás e instrumentos. Cada participante do trabalho irá perceber esta mudança de clima, e isto certamente colorirá com as cores respectivas a vivência pessoal daquele momento. São essas as situações onde a “firmeza” da corrente é solicitada para que a desarmonia seja transmutada em perfeição, e que nesse movimento a corrente realize, nas várias dimensões individuais, as transmutações necessárias para aquele momento específico do trabalho.

Portanto, o mandamento é para cada participante buscar a sua adequação no rito, ou na linguagem dos hinos, que “componha a corrente” dando o melhor de si. Na medida em que os trabalhos espirituais do Daime têm como característica a longa duração, lidar com o cansaço, desânimo, e respectivos corolários simbólicos cumpre função importante. É a hora em que é necessário perceber que dentro de um trabalho de Daime “o que se pedir o Mestre dá”. A denominação Daime vem mesmo do verbo dar - um pedido, uma invocação: dai-me força, dai-me luz, dai-me amor. Uma vez percebido o mecanismo de trocas energéticas que ocorre permanentemente durante um trabalho com a bebida, mais fácil fica de se utilizar de tal situação para o trabalho de limpeza e transmutação propriamente dito. O cansaço e o desânimo são então dominados e transmutados dentro do estado especial, havendo pois grande possibilidade de que também na vida diária cansaço e desânimo sejam subjugados. Mas até o alcance da percepção deste mecanismo muitas etapas tem de ser vencidas, exigindo do aspirante muita concentração e disciplina, além de uma boa dose de disposição para o trabalho.

Aí estão pois alguns dos mecanismos de trabalho da doutrina do Santo Daime, especificamente no que se refere aos hinos. O trabalho da doutrina em si é uma experiência tão singular que realmente não tenho pretensão de esgotá-la com palavras, mas penso ter dado alguns esclarecimentos válidos para o que se remete aqui. Muitas outras características são dignas de registro, assim como a própria experiência direta com a bebida é fundamental para emoldurar e contextualizar o que foi descrito aqui. Mas, como foi dito acima, não se convida. Quem se sentir tocado a buscar mais informações sobre este trabalho poderá nos encontrar no decorrer do encontro.

V. Possibilidades.

O objetivo desta apresentação foi descrever um fenômeno cultural emergente, e que em muitos aspectos está completamente afinado com tudo que está sendo discutido aqui. É claro que, nesta perspectiva, tento também desmistificar muito do que a mídia nacional registra sobre a doutrina do Santo Daime. Neste sentido vou abordar algumas das possibilidades vislumbradas no trabalho realizado em Brasília pela comunidade urbana Céu do Planalto, e tentarei descrever um panorama do significado dessa modalidade de difusão da doutrina no contexto de uma nova consciência emergente.

Dentre o amontoado de desinformação que se veicula repetidamente sobre o assunto em nossos meios de comunicação, é sempre ressaltada a tendência dos adeptos da doutrina a se furtarem de suas atividades normais de trabalho e de seu contato com a família, denunciando um processo alienante. A acusação sempre enfoca o Daime como desestruturador e a doutrina como indutora ao fanatismo. Nesse caso acho que cabe um esclarecimento e um alerta com relação às características próprias do trabalho com essa substância enteógena.

Desde a fundação do CEFLURIS pelo Padrinho Sebastião, esforços têm sido feitos no sentido de disciplinar e normatizar o uso do Santo Daime dentro dos padrões tradicionalmente prescritos pelos mestres da doutrina. Sabemos que o potencial transformador de um trabalho espiritual com a bebida exige a presença de pessoas credenciadas nas várias funções exercidas no ritual, com experiência suficiente para tranqüilamente levar a bom termo as já esperadas “alterações” decorrentes de processos catárticos individuais e grupais.

Apesar da notoriedade alcançada no início da década, quando alguns artistas de TV declararam sua participação nos rituais, a diretoria do CEFLURIS sempre esteve atenta ao uso estritamente ritual da bebida e ao rigor no credenciamento de novos pontos onde os trabalhos estariam oficialmente autorizados a acontecer. Isto, juntamente com as dificuldades inerentes a este trabalho, determinaram um ritmo próprio ao desenvolvimento da doutrina em termos de número de adeptos. O proselitismo é doutrinariamente vedado, e qualquer pessoa que tenha interesse em conhecer o trabalho terá que inicialmente participar de rituais sem a bebida, além de assistir a uma palestra de esclarecimento - com informações suficientes que lhe dê condições de julgamento sobre o seu interesse na doutrina, e passar por uma entrevista de anamnese com profissional qualificado a atestar as condições do visitante para a participação segura em um ritual com a bebida.

Essas medidas, aliadas à dificuldade inerente ao trabalho com o Daime principalmente para os novatos, determinam que o ritmo de crescimento do número de adeptos seja satisfatoriamente lento. Além disso, a trajetória para um visitante se tornar um membro “fardado” também tem sido aperfeiçoada no sentido de dar ao aspirante uma ampla consciência do trabalho realizado, lembrando também que os membros fardados podem, a qualquer momento, descontinuar sua participação nos trabalhos e se afastar da doutrina de acordo com o seu discernimento.

Muitas das críticas quanto ao aspecto alienante da doutrina reportam histórias de sujeitos integrados na vida urbana que, de repente, largam todas as suas responsabilidades para viverem nas comunidades do Santo Daime, que até bem pouco tempo eram, em sua maioria, afastadas dos grandes centros. Realmente a doutrina ainda é muito nova, e as suas possibilidades de configuração estão longe de serem esgotadas. Hoje estamos aqui apresentando esse novo modelo de comunidade, que respeita e promove a integração dos valores salientados pelos princípios da doutrina com o dia-a-dia da vida urbana.

Portanto, não há contradição na coexistência do Santo Daime com a cidade, mas absolutamente não se exclui

e nem se desconsidera o aspecto essencial de transformação - e por isso a comunidade é importante. Todos os moradores do grupo de Brasília podem enumerar facilmente as mudanças que a vivência com o Daime e com a comunidade operaram na vida de cada um. Mas, estando na cidade, não perdemos a noção de como o avanço da cultura e da tecnologia em seus aspectos positivos podem nos ajudar na atualização com o nosso momento histórico - aqui e agora. Na prática, as comunidades urbanas do Daime passam a ser o canal através do qual o Céu do Mapiá e outras comunidades, na sua proposta de integração ecológica total, recebem as informações que as sintonizam com o mundo.

Em Brasília temos um grupo bastante eclético, composto de professores universitários, antropólogos, funcionários públicos, artistas, jornalistas, jornalheiros, comerciantes em geral e ainda pessoas envolvidas com técnicas de meditação e yoga, além de psicólogos e especialistas em massagens e terapias corporais. Essa rica diversidade nos configura como um laboratório de pesquisas no âmbito das possibilidades de desenvolvimento pessoal. As capacidades individuais relativas à integração grupal são aproveitadas, e nesse sentido, vários retiros já foram organizados no intuito de integrar práticas de meditação, yoga e bioenergética com a dimensão especial proporcionada pelo contato com o Santo Daime. Tal experiência tem dado frutos interessantes no sentido de cada um perceber que várias são as ferramentas para o auto-conhecimento, e que estas se amoldam à configuração da dinâmica e do momento pessoal específico.

Uma experiência que tem tido resultado bastante interessante é o contato com o estudo dos tipos psicológicos do eneagrama, da forma como é trabalhado por Cláudio Naranjo. Concebida como uma ferramenta de auto-conhecimento, e com uso otimizado em grupos com interação freqüente, o estudo do eneagrama teve sua introdução facilitada no grupo pelo contato próximo de alguns membros com o trabalho do Dr. Naranjo. Hoje, uma grande parte dos membros da comunidade faz uso dos nove tipos psicológicos em sua pesquisa interior e na clarificação dos contatos interpessoais, criando novas situações onde o material advindo dos trabalhos espirituais encontra espaço de discussão dentro de um referencial terapêutico.

Em todos esses movimentos, a comunidade Céu do Planalto tem desenvolvido um modelo bem sucedido de introdução da experiência transformadora do Santo Daime no meio urbano. O Céu do Mapiá, por sua vez, mantém a sua posição de centro de difusão da força mágica da floresta amazônica e do Daime para o mundo, pulverizando esta modalidade de cultura eco-religiosa em cidades do Brasil e do exterior. Grupos que entram em contato com a força do trabalho e sentem uma identificação, naturalmente interessam-se por esse modelo de comunidade urbana que descrevemos aqui.

Não se trata de uma proposta de comunidade, pois realmente não há um projeto organizado de difusão deste modelo e muito menos estamos convidando qualquer pessoa a se unir a este caminho espiritual. Trata-se de uma experiência e um processo que vem se configurando no dia-a-dia, que pode servir de referencial para quem se sentiu identificado com este movimento, mas que acima de tudo me dá imenso prazer falar a respeito, principalmente para

uma audiência tão afinada aos princípios fundamentais que regem a nossa doutrina: Harmonia, Amor, Verdade e Justiça.

Muito Obrigado

Campina Grande, 08 de fevereiro de 1997